



Por pressão de aliados, Lula lança carta voltada ao segmento, na qual assume compromissos e destaca feitos dos seus governos que beneficiaram igrejas

Fé em conseguir o apoio de evangélicos

» HENRIQUE LESSA

São Paulo — A campanha do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) lançou, ontem, o manifesto aos evangélicos, em uma tentativa de avançar no segmento do eleitorado dominado pelo presidente Jair Bolsonaro (PL). No evento, em um hotel de São Paulo, o petista disse estar cansado de ter de rebater rotineiramente as mentiras que o opositor propaga contra ele nestas eleições. Ressaltou, também, que “Jesus teve de se explicar a vida inteira”.

As declarações de Lula demonstram a resistência em entrar no tema religião, que, segundo fontes ouvidas pela reportagem, o ex-presidente considera sagrado. Na avaliação do candidato, após seus dois mandatos, em que aprovou leis em prol da liberdade religiosa, não seria necessário se envolver nessa seara.

No evento, o presidenciável comentou a notícia falsa de que pretende, em um eventual novo mandato, instituir o “banheiro unissex”. Disse que tem filhas, netas e que, agora, vai ter bisnetas. A mentira, segundo ele, “só pode ter saído de satanás”. O comentário arrancou aplausos da plateia.

Lula sustentou que considera família “coisa sagrada” e se emocionou ao lembrar das três sogras que teve, em especial da mãe de sua atual esposa, a socióloga Rosângela Lula da Silva. A mãe de Janja morreu em 2020, em decorrência da covid-19.

Na carta direcionada ao “povo evangélico”, Lula ressalta o seu compromisso de defender as conquistas do segmento. Aponta a prioridade de auxiliar os mais pobres e cita o trecho bíblico “a verdadeira religião é cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades”.

“Todos sabem que nunca houve qualquer risco ao funcionamento das igrejas enquanto fui presidente. Pelo contrário. Com a prosperidade que ajudamos a construir, foi no nosso governo que as igrejas mais cresceram,

Ricardo Stuckert/Divulgação



Lula recebe orações de evangélicos no evento, em São Paulo, no qual divulgou a carta



O povo brasileiro está numa condição de desespero, e precisaremos muito da ajuda das igrejas para, o quanto antes, reverter esta situação”

Trecho da carta

principalmente as evangélicas, sem qualquer impedimento, e até tiveram condições de enviar missionários para outros países”, diz um trecho. “Não há por que acreditar que agora seria diferente. Posso lhes assegurar, portanto, que meu governo não adotará quaisquer atitudes que firam a liberdade de culto e de pregação ou criem obstáculos ao livre funcionamento dos templos.”

O candidato também reitera ser pessoalmente contra o aborto, mas lembra que essa discussão não é do presidente da República e, sim, do Congresso Nacional.

O manifesto, porém, foi considerado tardio por integrantes da

campanha, que já buscavam vencer o petista, há tempos, da necessidade de elaborar o documento centrado em rebater mentiras divulgadas contra o candidato.

Em conversa com jornalistas, o ex-ministro Gilberto Carvalho afirmou que a carta foi escrita por Lula, mas teve a colaboração de lideranças evangélicas que apoiam a campanha. A expectativa, segundo ele, é interromper a ofensiva de notícias falsas nesse público.

Carvalho enfatizou que, mesmo após a carta, o ex-presidente não irá a nenhuma igreja, nem evangélica nem católica. “Lula acha que isso é uma profanação,

um desrespeito. Não quer misturar as coisas. Aqui é o nosso limite de dizer as coisas com clareza”, acrescentou.

Quanto ao convencimento do ex-presidente para elaborar o documento, Carvalho relatou que “foi exatamente essa ofensiva absurda que o levou (Lula) a tomar medidas que ele não gostaria de tomar”. “Para Lula, é tão óbvio que ele sempre teve uma relação adequada com as igrejas que não caberia ficar se justificando. Acha isso quase que uma ofensa a ele. Mas, diante do ataque que está havendo e da confusão, achou por bem formalizar a posição”, enfatizou.

Participaram do evento lideranças evangélicas como o Pastor Henrique Vieira (PSol-RI), eleito deputado, e a deputada federal Benedita da Silva (PT-RJ); o vice na chapa, Geraldo Alckmin (PSB); o candidato ao governo paulista Fernando Haddad (PT); e a candidata a vice-governadora Lúcia França (PSB) e seu marido, o ex-governador Márcio França (PSB).

Em Brasília, Tebet critica presidente

» VICTOR CORREIA

Terceira colocada nas eleições, a senadora Simone Tebet (MDB-MS) esteve, ontem, em Brasília, onde fez campanha para o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Desde que declarou apoio ao petista, a parlamentar tem realizado caminhadas nas cidades que visita e participado de outros eventos para defender a necessidade de uma aliança ampla contra o presidente Jair Bolsonaro (PL).

O primeiro ato foi uma caminhada com apoiadores e candidatos, que teve início na Praça do Povo, no Setor Comercial Sul

(SCS), e terminou em frente ao Conic, onde Tebet discursou em um trio elétrico. “O povo vai jogar para o lixo da história este presidente insensível”, declarou. Ao público, contou que muitos integrantes do MDB pediram para que ela se mantivesse neutra no segundo turno. “Eu disse: ‘Você têm 48 horas para tomar uma decisão’”, relatou.

Estavam presentes a senadora Leila Barros (PDT), os ex-candidatos a governador do DF Leandro Grass (PV) e Keka Bagno (PSol), o ex-governador Rodrigo Rollemberg (PSB) e a deputada federal Erika Kokay (PT), entre outras lideranças políticas da cidade.

O grupo percorreu ruas do SCS com bandeiras vermelhas. Tebet segurava uma faixa da campanha, seguindo o caminho aberto por uma fanfarra. Das janelas, algumas pessoas jogaram água nos participantes, enquanto outras ecoaram os gritos de “fora Bolsonaro”.

Depois do discurso, Tebet foi à sede da Associação Brasileira de Enfermagem (Aben) para um encontro com a categoria. Antes da reunião, conversou com os jornalistas e deu mais detalhes sobre sua participação no segundo turno. “A minha defesa enfática não é a Lula. A minha defesa enfática é ao único

candidato democrata que nós temos”, destacou.

Sobre as últimas pesquisas de intenção de voto, Tebet disse que o eleitorado precisa de tempo para assimilar as notícias mais recentes e demonstrar o efeito das polêmicas envolvendo Bolsonaro.

Citando a fala do presidente sobre adolescentes venezuelanas de São Sebastião, a senadora afirmou que, como cristã, não aceita que a população, também religiosa, “não rechace um presidente que deixou claro ali que havia alguma conotação da parte dele em relação a meninas, a crianças, a adolescentes”.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br

Lula tenta reduzir desvantagem entre os evangélicos

Quem visita os bairros de periferias ou favelas das grandes cidades brasileiras, com muita facilidade consegue identificar uma família evangélica por meio da simples observação. Geralmente, moram nas casas mais bem cuidadas, mesmo que menores e com aparência mais pobre. A principal razão costuma ser o fato de que seus ocupantes integram uma família estruturada, cuja rotina de trabalho e estudo está sustentada na harmonia familiar, na disciplina, na resiliência, na austeridade e na ordem. Existe uma funcionalidade na presença das igrejas pentecostais na organização da sociedade nas periferias que não pode ser ignorada.

É óbvio que há católicos, espíritas, umbandistas etc. com família unicelular e casas bem organizadas, mas estamos falando de famílias desestruturadas. O eixo da atuação dos evangélicos nas comunidades pobres é a preservação da família unicelular patriarcal e a defesa dos seus costumes tradicionais, o que leva à formação de uma base cultural conservadora, facilmente capturada pelas narrativas políticas reacionárias. Há setores reacionários na Igreja Católica, mas a doutrina católica é menos conservadora e sua presença como organização nas periferias é muito menor, porque suas igrejas fisicamente estão fora da maioria dessas comunidades. Por força da nossa própria formação como nação, os católicos até são a maioria nessas comunidades, mas não representam uma força organizada a partir do cotidiano de seus moradores, ao contrário dos evangélicos.

O presidente Jair Bolsonaro, como um fenômeno eleitoral de massas, emergiu da periferia em 2018 ancorado nas comunidades evangélicas, porque capturou o sentimento de preservação da família unicelular patriarcal. Com uma narrativa conservadora, confrontou a revolução dos costumes, que é identificada pelos evangélicos como uma das causas da sua desestruturação, cujas consequências são dramáticas para uma família de baixa renda, porque bagunça a vida de todos os seus integrantes do ponto de vista até da sobrevivência física, ao contrário do que ocorre com um núcleo familiar de classe média, que sofre consequências sérias, mas tem mais mecanismos de defesa.

A agenda identitária da renovação dos costumes serviu de plataforma para que o PT e outros setores de esquerda, após o impeachment de Dilma Rousseff, reagrupassem suas forças e iniciassem o resgate de sua influência na sociedade, que havia sido fragilizada pela cooptação dos movimentos sociais durante os governos Lula e Dilma. A centralidade dessa pauta na luta contra Bolsonaro, porém, foi um erro em 2018, quando já estava em jogo a questão democrática, o que por muito pouco não se reproduziu nas eleições deste ano. Isso fez com que o apoio dos evangélicos se tornasse a principal ferramenta de Bolsonaro para penetrar nas camadas mais pobres da população, ainda que seja rejeitado pela maioria dos mais pobres e das mulheres.

O Datafolha divulgado ontem, por exemplo, mostra que Bolsonaro lidera a disputa contra Lula entre os evangélicos, por 66% a 28%, enquanto a liderança do petista entre os católicos é de 58% a 37%. Lula vence entre os mais pobres, com renda de até dois salários mínimos, de 57% a 37%, mas perde em todas as faixas de renda acima disso, inclusive entre os que ganham entre dois e cinco salários mínimos, em que Bolsonaro lidera por 53% a 41%, faixa com forte presença evangélica.

Lula manteve a liderança geral, com 49% de intenções de votos, mas diminui a distância para Bolsonaro, como 45%. Só manteve a dianteira por causa da maioria das mulheres (51% a 42%), do Nordeste (67% a 29%) e dos negros (58% a 38%), além dos católicos e dos mais pobres.

Não à toa Lula, divulgou ontem a sua carta aos evangélicos, na qual reiterou a defesa do Estado laico e da liberdade religiosa. “O respeito à família sempre foi um valor central na minha vida, que se reflete no profundo amor que dedico à minha esposa, aos meus filhos e netos. Por isso, compreendo o lugar central que a família ocupa na fé cristã”, diz o documento. “Também entendo que o lar e a orientação dos pais são fundamentais na educação de seus filhos, cabendo à escola apoiá-los dialogando e respeitando os valores das famílias, sem a interferência do Estado”, completa.

O documento procura repelir a acusação de que pretende fechar as igrejas evangélicas, muito difundida pelos pastores que apoiam Bolsonaro para disseminar ojeriza ao PT e ao ex-presidente Lula nas comunidades evangélicas: “Todos sabem que nunca houve qualquer risco ao funcionamento das igrejas enquanto fui presidente. Pelo contrário! Com a prosperidade que ajudamos a construir, foi no nosso governo que as igrejas mais cresceram, principalmente as evangélicas, sem qualquer impedimento, e até tiveram condições de enviar missionários para outros países.”



DENGUE

O seu descuido pode ser fatal.

De uns tempos para cá, muito se falou na Covid-19. Mas, nesse mesmo período, outra doença tirou a vida de muitas pessoas aqui no DF: a dengue. Só que, ao contrário da Covid, as causas da dengue são visíveis. Por isso, eliminar os focos do mosquito da morte é muito simples. Basta não se descuidar.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL